

Deformar e performar e didatizar e criar e experimentar e inventar e... e artistagem docente no contexto amazônico

Deforming and performing and didacticizing and creating and experimenting and inventing and... and teaching artistagem in the amazonian context

Deformando y perfeccionando y didactizando y creando y experimentando e inventando y... y enseñar artistagem en el contexto amazónico

Guilherme Araújo Soares¹
Maria lone Feitosa Dolzane¹

DOI: <https://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v30i69.1995>

Resumo: O artigo explora a potência de violentar e desconstruir a imagem-representação da didática docente, tomando como ponto de partida a artistagem proposta por Corazza. Na poética do pesquisador, em relação com a artistagem docente, são revelados encontros e experimentações entre arte e filosofia que vibram e criam na educação. O currículo menor emerge como espaço de improvisação, experimentação e criação, resistindo ao currículo maior. A artistagem, nesse contexto, permite pensar as práticas docentes como processos de criação, liberando a educação dos modelos padronizados e da homogeneização. No contexto amazônico, a artistagem se expressa em criações que ocupam e compõem variações em suas obras-aulas. Por meio de composições estéticas que utilizam fotografias expressivas, são reinventados modos de existência, novas relações com o corpo, o meio, a docência e a cultura. Espera-se, neste artigo, problematizar as artistagens docentes propiciadas pelas vibrações e proliferações que ressoam no contexto amazônico.

Palavras-chave: didática; artistagem; educação.

Abstract: The article explores the power of violating and deconstructing the image-representation of didactic teaching, taking as its starting point the artistagem proposed by Corazza. In the researcher's poetics, in relation to teaching artistagem, encounters and experiments between art and philosophy that vibrate and create in education are revealed. The smaller curriculum emerges as a space for improvisation, experimentation and creation, resisting the larger curriculum. In this context, artistagem allows us to think of teaching practices as processes of creation, freeing

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil.

education from standardized models and homogenization. In the Amazonian context, artistagem is expressed in creations that occupy and compose variations in their classroom works. Through aesthetic compositions using expressive photographs, modes of existence are reinvented, new relationships with the body, the environment, teaching and culture. In this article, we hope to problematize the teaching artistagens provided by the vibrations and proliferations that resonate in the Amazonian context.

Keywords: didactics; artistagem; education.

Resumen: El artículo explora el poder de violentar y deconstruir la imagen-representación de la enseñanza didáctica, tomando como punto de partida la artistagem propuesta por Corazza. La poética del investigador, en relación con la artistagem de la enseñanza, revela encuentros y experimentos entre arte y filosofía que vibran y crean en la educación. El currículo menor surge como espacio de improvisación, experimentación y creación, resistiendo al currículo mayor. En este contexto, la artistagem permite pensar las prácticas pedagógicas como procesos de creación, liberando la educación de los modelos estandarizados y de la homogeneización. En el contexto amazónico, la artistagem se expresa en creaciones que ocupan y componen variaciones en sus trabajos de aula. A través de composiciones estéticas que utilizan fotografías expresivas, se reinventan formas de existir, nuevas relaciones con el cuerpo, el entorno, la enseñanza y la cultura. El objetivo de este artículo es problematizar la artistagem pedagógica proporcionada por las vibraciones y proliferaciones que resuenan en el contexto amazónico.

Palabras claves: didáctica; artistagem; educación.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Brasa, a vida sempre tá mandando brasa
E pra me defender eu vou mandando brasa
Ziguezaguando por aí
(Zigue-Zague, Elis Regina).*

Na prática docente menor, é imperativo resistir à captura da Didática Maior. A didática menor emerge como linhas de fuga, rizomas que proliferam de maneira não linear e experimental, abrindo espaço para o devir-artistagem dos professores e a criação de currículos menores (Corazza, 2013). Esses currículos menores não apenas permitem a criação de novos conceitos e didáticas pedagógicas, mas também atuam como forças de desterritorialização, desafiando as normas estabelecidas e promovendo a diferença e a singularidade na educação.

Através dos pensamentos de Bachelard (1988), poderíamos dizer que, no agir poético da docência, reside uma radical imprevisibilidade da palavra, que faz com que a cruzada discursiva cotidiana encontre um ponto de suspensão temporária, permitindo àqueles que partilhem do ato pedagógico uma experiência fugidia de liberdade. No sentido poético e criador, esse agir se torna um exercício

de observação crítica das práticas docentes cotidianas, que lidam com as matérias curriculares e *auleiras* (Corazza, 2012), assim como suas reverberações no mundo e nas relações que nele se tecem.

Esse movimento de observação não se restringe à mera análise, mas se materializa em escrileituras, produzindo relações de afecção com o que conhecemos e, mais significativamente, abrindo o campo de nossa produção para aquilo que dele difere. A constituição dos docentes enfrenta a interferência de um currículo que opera pela lógica molar, cerceando a liberdade pedagógica e sufocando as potencialidades de transformação, impondo limites às experimentações e aos devires possíveis (Carvalho; Silva, 2023).

Forçar e violentar na educação significa deslocá-la do lugar de repetição e controle, fazendo dela um exercício de experimentação com os outros, na convivência e no trânsito da vida, nos encontros que mobilizam desejos e criam novos modos de viver. Neste espaço de experimentação, a educação se torna um campo de intensidades e deslocamentos, onde os processos de criação e transformação se entrelaçam e se desdobram (Cangi; Gonçalves, 2023). O devir-artista, nesse contexto, emerge como uma prática de ruptura e reinvenção que desafia as normatividades e convenções estabelecidas. É um movimento que explora as linhas de fuga e as forças que atravessam e reconfiguram as práticas educacionais, buscando abrir novos espaços de experimentação e criação (Silva; Delboni, 2016).

Este artigo constitui um fragmento² de uma dissertação³ em constante devir, arrisca explorar a potência de violentar e desconstruir a imagem-representação da didática docente, inspirando-se na intensificação da artistagem delineada por Corazza, em diálogo com a Filosofia da Diferença em Deleuze, Deleuze-Guattari, Nietzsche, Gallo, Paraíso e outros(as) autores(as) que vibram nessas linhas de pensamento. A análise se concentrará em como os currículos menores, em sua relação com a artistagem, podem subverter e transformar a prática docente, resistindo

² O fragmento se basta a si mesmo, pois, quando um signo se eleva, ele o faz de duas maneiras muito distintas: ou revela o todo de onde foi extraído, permitindo a reconstituição do organismo ou da estátua de que fazia parte; ou se projeta indefinidamente, não como indeterminado, mas sim como uma determinação de imanência (Deleuze, 2010), que nunca se completa. Por isso, já não necessita de um todo, do inteiro, do Uno.

³ Essa dissertação contou com o financiamento e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

às imposições do currículo maior. Aqui, a escrita se faz território de resistência e criação, onde o pensamento encontra suas linhas de fuga e o novo pode emergir.

2 MOVIMENTOS DO CURRÍCULO-MENOR: PARA QUEM?

O currículo vem sendo atrelado à seguinte indagação nos vários territórios do Brasil: “O que ensinar?” (Paraíso, 2023, p. 8). No entanto, essa indagação não se limita a determinar e estruturar os conhecimentos a serem transmitidos. Deve, antes, proliferar em múltiplas formas sobre como esses conhecimentos são produzidos. No currículo, não há uma “verdade” que emerge como algo dado; ao contrário, são as relações de poder que permeiam essa produção, afetando o sujeito, a subjetividade e o valor (Paraíso, 2019). O currículo se torna, assim, um campo de zonas de indiscernibilidade, onde essas relações colocam-no em constante experimentação. Nessa experimentação, valor e conhecimento se situam no domínio da invenção, e não da descoberta, pois tais invenções expressam relações que atravessam e configuram o currículo de modos múltiplos e diferenciados.

Sob essa perspectiva, o currículo não é visto como algo com características intrínsecas, mas como um processo que produz, sendo produzido por subjetividades em devir constante (Corazza, 2001). Pensar o currículo como uma entre tantas outras possibilidades é abrir-se à criação de novos modos de ver, sentir e pensar (Nietzsche, 1998; Corazza, 2010b). Tensionar o currículo significa tentar ir além do já dito e definido, revisitando o já teorizado, a fim de provocar vivências que potencializem o uso de outras lentes, desestabilizando os sentidos fixos em torno do currículo. Portanto, esse currículo cria possibilidades de trocas e diálogos sem se preocupar se é melhor ou pior que outro, mas reconhecendo-o como singular em sua diferença (Corazza, 2010a).

Deleuze e Guattari (1977), em *Kafka: por uma literatura menor*, articulam a transversalidade como um princípio de entradas múltiplas, onde o ponto de entrada não é fixo, mas se conecta a outros pontos, atravessando cruzamentos e galerias que mapeiam o rizoma. Esse mapa do rizoma se transforma conforme se adentra por diferentes pontos, revelando novas conexões e variações. Nesse sentido, o currículo menor não se estrutura em torno de um centro, mas em uma zona de transversalidade que conecta matérias, temporalidades, sentidos e espaços provisórios, gerando variações contínuas.

O currículo está em constante movimento, sofrendo alterações e transformações, assim como os sujeitos que nele circulam. Ele produz verdades dentro desse fluxo incessante de transformação e devir. O currículo pode ser entendido como uma máquina de guerra, produtora de espaços lisos e nômades (Paraíso, 2019; 2023). Ele carrega uma potência, um espaço-tempo capaz de ser arrancado da modelização contemporânea. No currículo menor, a improvisação, a experimentação e a criação emergem como forças que produzem encontros e agenciamentos de saberes e culturas. Assim, o currículo menor movimenta a diferença e estabelece embates contra o controle e a prescrição que o Currículo Maior visa capturar.

Paraíso (2023) refere-se ao “currículo menor” como o currículo do cotidiano das escolas, marcado pelo acontecimento. A diferença é o ponto de partida, “a diferença é o que vem primeiro; é o motor da criação” (Paraíso, 2010, p. 592), é “puro acontecimento” (Paraíso, 2010, p. 588). O currículo “[...] pode ser a criação de si e, ao ser colocado em movimento, pode desescolarizar” (Munhoz, 2016, p. 42). Diferença e repetição são elementos essenciais do currículo menor, refletindo uma criação e invenção social. O currículo menor expressa sua inovação e diferenciação e repetição, onde a repetição não é a reprodução do semelhante, mas uma força criativa associada à diferença, não à representação.

O currículo menor envolve nossas ligações com o mundo, por agir na multiplicidade, onde o que importa são as alianças e os contágios que emergem (Paraíso, 2023). Nele, não há uma estrutura fixa, mas um devir constante que se move entre linhas de fuga, abrindo-se para novas possibilidades de conexão e transformação.

Um currículo menor na educação implica uma experiência que transcende o ver, viver e sentir (Char; Paraíso, 2022). Envolve se deixar afetar e afetar, mergulhar nas intensidades que atravessam a vida cotidiana, nos encontros e nas forças que dinamizam nossos desejos e existências no real. Trata-se de uma linha nômade, um fluxo pensado e vivido por meio de um ato político docente. Todo ato político é uma forma de experimentação que não pode ser antecipada em sua totalidade. A linha do currículo menor não é uma trajetória previsível, mas sim um percurso que se desdobra à medida que é traçado, atravessando diferentes contextos e desafios.

É crucial que a linha se move e se desenvolva, passando por lugares inesperados e transformadores. A verdadeira experimentação se dá na criação de novos

encontros e conexões, onde o currículo menor se manifesta não como um sistema fixo, mas como um campo de forças e possibilidades que reconfigura constantemente o espaço educacional (Santos, 2019). A tarefa é permitir que essa linha se expresse e se desenvolva por uma prática docente que abraça a incerteza e a criatividade, explorando o potencial de novas formas de saber e de ser.

Trazemos esse conceito como condição para uma prática minoritária e revolucionária, não para submetê-lo à lógica do currículo instituído, mas torcê-lo, deslocando-o para pensar as possibilidades de um currículo menor na educação. Não se trata de buscar uma liberdade em oposição à submissão ao currículo maior, mas de traçar uma linha de fuga, a mais imperceptível possível, que se desdobra em práticas de experimentação. O fazer currículo acontece no entre, no meio, onde não há um sujeito que interpreta, mas subjetividades que se modificam nos encontros, na singularidade, que se diferenciam e se individualizam (Paraíso, 2023). Aqui, não existe um real a ser analisado; o real é constantemente construído e reconstruído no devir, na potência dos encontros que escapam às representações.

O currículo menor, ao contrário do currículo maior, resiste à representação e celebra a diferença como um princípio fundamental. Ele oferece um espaço para a experimentação contínua e a invenção, desafiando a homogeneização e o controle e permitindo novas linhas de fuga e conexões inesperadas. O currículo menor é um campo de resistência e criação, sempre em movimento e transformação, alinhado à filosofia de Deleuze e Guattari (1977, 2010) sobre a criação de novos conceitos e a valorização da multiplicidade e da diferença. Em vez de se fixar em um sentido definido, o currículo menor é um processo aberto e em devir, resistindo a qualquer tentativa de captura ou encerramento. A didática menor se alinha a esse currículo menor, abraçando e resistindo na diferença, na poética e na resistência, continuamente se transformando e se reinventando.

3 MOVIMENTOS EM ARTISTAGEM

A artistagem emerge como um movimento de ruptura radical, desterritorializando-se das ideologias sedimentadas na língua materna e nas “grades curriculares”, que aprisionam o pensamento pedagógico em moldes rígidos (Zordan, 2019). Inspirando-se em Deleuze e Guattari (1995), entendemos que a desterritorialização não é um simples ato de evasão, mas uma potência criativa

que inaugura novos territórios de sentido, permitindo que o currículo se desenrole em múltiplas linhas de fuga. Não se trata de desvelar o que já é conhecido ou de seguir o caminho traçado pela tradição, mas de inventar o que ainda está por vir, de criar novas formas de ver, viver e experimentar o currículo em sua totalidade (Corazza, 2017).

Este currículo, ao se movimentar nas fissuras do instituído e ao explorar outras linhas que escapam às segmentações e às compartmentalizações, interrompe a linearidade que o define e o submete. Ele exige um olhar de fora, um estranhamento radical que questiona e desafia as representações normativas, resistindo à domesticação do pensamento (Corazza, 2006). Como argumenta Deleuze (1988), a verdadeira criação não se origina da reflexão pura, mas emerge como um ato de vida, uma força vital que se manifesta através da arte. A filosofia, então, não é uma arte da contemplação reflexiva, mas um modo de vida que se desenrola em um estilo, uma estética de existência singular.

A artistagem na educação pode ser concebida como uma micropolítica do desejo, onde o currículo é continuamente produzido e reproduzido na e pela diferença, recusando-se a se submeter às forças totalizantes e universais (Corazza, 2006). No contexto amazônico, essa dinâmica se torna ainda mais premente, onde a arte e a vida cotidiana se entrelaçam em uma dança contínua, abrindo espaço para uma educação que não se compromete com as verdades preestabelecidas, mas que se dedica à criação de novas realidades. Aqui, a artistagem não é uma mera reprodução do existente, mas uma invenção incessante de novas formas de pensar e agir, liberando as experiências sensíveis em sua singularidade e multiplicidade.

Nietzsche (2001) nos alerta para a necessidade de uma arte exuberante, dançante e venturosa, que nos permita manter a liberdade de pairar acima das coisas, uma liberdade que a artistagem procura salvaguardar e expandir. Quando a arte é confinada à representação, ela se enreda em uma estética da contemplação, subordinando-se a uma ética da conscientização moralista. No entanto, a artistagem, enquanto prática pedagógica, desloca-se das práticas convencionais, questionando e desafiando os próprios limites da pedagogia e da didática, destabilizando as estruturas que pretendem capturar a diferença (Corazza, 2017).

A docência artística, nesse sentido, pode ser vista como uma alquimia, uma prática transmutativa que dissolve as certezas pedagógicas e morais, substituindo-

-as por uma prática agonística, onde a vida é vivida como arte, e a arte se torna uma força vital que desafia a objetividade, a moralidade e as normativas instituídas (Corazza, 2017). Este currículo não busca a verdade como algo fixo e imutável, mas sim o movimento incessante da vida que se cria e recria na diferença, na multiplicidade e na variação.

Ressalto, a artistagem opera nas interseções do não sabido, onde a poética da vida encontra a docência, transformando a educação em um campo aberto de possibilidades infinitas, onde o que realmente importa não é a verdade enquanto adequação ao já dado, mas a criação contínua, a experimentação constante e a afirmação da diferença em todas as suas formas (Deleuze, 1988).

O artista é aquele que interrompe o fluxo cotidiano das opiniões (doxa) e das convenções, abrindo brechas que perfuram o caos, permitindo que dele emerjam intensidades criativas, forças que engendram a própria noção de criação (Paixão, 2023). Este ato não é apenas a criação de formas, mas a instauração de um campo de imanência onde múltiplas conexões entre saberes – científicos, populares, míticos, artísticos – são traçadas, tecendo uma rede que atravessa e ressignifica a realidade em sua constante variação.

Nietzsche (2011), ao pensar o caos, propõe que a grandeza do artista não resida nos “bons sentimentos” que ele suscita, mas no “grande estilo” – a potência de dobrar o caos, forçando-o a se transmutar em formas que, sem perderem sua intensidade caótica, adquirem uma lógica interna, uma simplicidade expressiva, uma matemática das forças. O caos não é domado, mas afirmado em sua multiplicidade, assumindo a forma de uma lei que nunca se fixa, permanecendo sempre em devir.

Esta ambição reverbera na criação de novas realidades que utilizam as mais diversas ferramentas – conceituais, artísticas, científicas, musicais – para, nos encontros da vida, ativar devires em vez de identidades fixas, congeladas, amarradas a uma única narrativa de saber e de verdade. A diferença, nesse contexto, não é obstáculo, mas uma força propulsora que permite ao artista ver seus sujeitos como fluxos em movimento, sujeitos nômades, híbridos, que incitam ao pastiche e à artistagem em suas práticas.

No contexto amazônico, essa artistagem se entrelaça com a literatura, as fotografias, os fragmentos de citações e a poética, criando uma educação afirmada na vida e pela vida. Nesta ocasião, o conceito de artistagem ultrapassa a

mera criação, torna-se um processo contínuo de invenção, onde o artista não apenas molda o caos, mas o faz vibrar em novas formas de expressão e existência. Conectando e desconectando saberes em uma dança infinita de diferenças e devires, a prática artística se transforma em uma afirmação vital. A educação, nesse sentido, deixa de ser uma transmissão estática de conhecimentos para se tornar um movimento vivo de criação e recriação, em constante diálogo com o caos e a diferença.

4 ARTISTAGENS DOCENTES NO CONTEXTO AMAZÔNICO

O que pode a educação no contexto amazônico? Essa indagação emerge como uma linha de fuga do controle, da homogeneização, desafiando o modelo e a estrutura tradicional da educação. É uma educação que se apresenta como resistência, como um terreno fértil para deslocamentos do pensamento de Deleuze e Guattari (1995), provocando-nos a repensar, incessantemente, a educação no contexto amazônico. Não se trata, portanto, de apresentar “verdades” de Deleuze e Guattari e entre outros sobre os problemas da educação, mas de abrir espaço para novas formas de pensar e criar.

A educação, nesse sentido, é a criação de conceitos que operam sobre o plano de imanência, atravessando transversalmente o contexto amazônico e vibrando no campo dos saberes que constituem a educação para esse por vir (Deleuze; Guattari, 2010). Esses conceitos ressoam e anunciam o novo a cada dia, sendo moldados e, ao mesmo tempo, moldando a cultura e a vida em constante movimento.

O pensador-professor, ou melhor, o criador de conceitos, é aquele que dá consistência aos acontecimentos no campo educacional sem perder a infinitude do caos no qual mergulha (Corazza, 2017). Esse caos é precisamente permitindo a criatividade, possibilitando o surgimento de conceitos sempre novos no plano de imanência desse contexto amazônico.

Nesse ambiente, os conceitos criados pelos filósofos-educadores do contexto amazônico podem “artistar”, transformando a aula em uma obra de arte, tecendo considerações que deslocam e evocam uma educação criativa e criadora (Gallo, 2008; Lapoujade, 2015). Uma educação que não seja inócuia, mas perigosa, simultaneamente veneno e remédio. É necessário que arrisquemos, que nos lancemos nesse caos povoado de opiniões, ao ser nele que reside o potencial criativo.

Essa educação, que artistiza o processo de ensinar e aprender, é, acima de tudo, poética (Bachelard, 1996). Ela é uma expressão da vida (Figura 1), uma criação contínua, uma abertura para o novo que desafia e transforma o próprio ato de educar.

A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca. [...] A gente gostava bem das vadiações com as palavras do que das prisões gramaticais. [...] A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala (Barros, 2013, p. 418).

Figura 1 – Vida em afirmação, em artistagem



Fonte: arquivo pessoal.

A vida vibra na artistagem, ressoando como força nômade e errante que se desdobra em desvios. A artistagem não se fixa em formas rígidas; ela escapa, flui, criando novas linhas de fuga que desestabilizam o fixo e o instituído. É na errância, no movimento incessante, que a vida se faz criação contínua, encontrando na artistagem o seu devir.

Artistagem emerge como um movimento singular, marcado por signos que se desdobram e se decifram no espaço das salas de aula, nas tramas da micropolítica. Trata-se de uma prática que se insinua e resiste justamente onde os dispositivos

do poder – representados pelo Macro, pelos Documentos Normativos – buscam impor a homogeneização e o controle (Gallo, 2008).

No contexto amazônico, onde a multiplicidade é uma força viva e vibrante, a artistagem não apenas reverte essa tendência, mas também inaugura modos de existência que escapam ao aprisionamento dos investimentos de desejo (Figura 2). Essas forças intensivas, criativas e contingentes não apenas sobrevivem, mas proliferam, desafiando e subvertendo a lógica dominante, gerando novas linhas de fuga e possibilitando a criação de formas de vida que escapam à captura do poder, tornando-se potências afirmativas no seio da diferença.

O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; A opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou criatividade destrutiva) (Bauman, 2001, p. 36).

Figura 2 – Controle dominante



Fonte: arquivo pessoal.

A artistagem resiste aos documentos normativos impostos no Amazonas, desdobrando-se no “novo” como uma afirmação da vida, onde (re)existimos frente

à tentativa de captura e territorialização. A pluralidade no contexto amazônico é formada pelas condições geográficas, culturais e sociais da região, exigindo um olhar inclusivo e relevante para as comunidades locais, que abrigam uma grande variedade de grupos indígenas, comunidades ribeirinhas e populações urbanas, cada uma com suas próprias línguas, tradições e conhecimentos (Soares; Trindade; Dolzane, 2024). A educação nesse contexto precisa ser sensível e inclusiva a essa diversidade cultural, incorporando saberes tradicionais e locais ao currículo, tornando-se um campo de resistência à homogeneização.

A fuga desse controle encontra-se na travessia do rio, rumo ao desconhecido (Figura 3). É neste espaço que a artistagem emerge:

[...] seja o mais ousado de todos, ele quer colocar o infinito no finito de uma moldura, entre as páginas de um livro! Extrair do caos, do mar de forças, do fogo infinito, uma obra de arte! É possível? Sim! Através de sensações, afectos e perceptos, o artista cria uma obra de arte, um monumento que sustenta-se por si próprio, iluminando o presente por um instante, materializando as forças que o atravessam. Através delas o artista enfrenta o clichê, o batido, o banal (Trindade, 2017).

Figura 3 – O rio em fuga



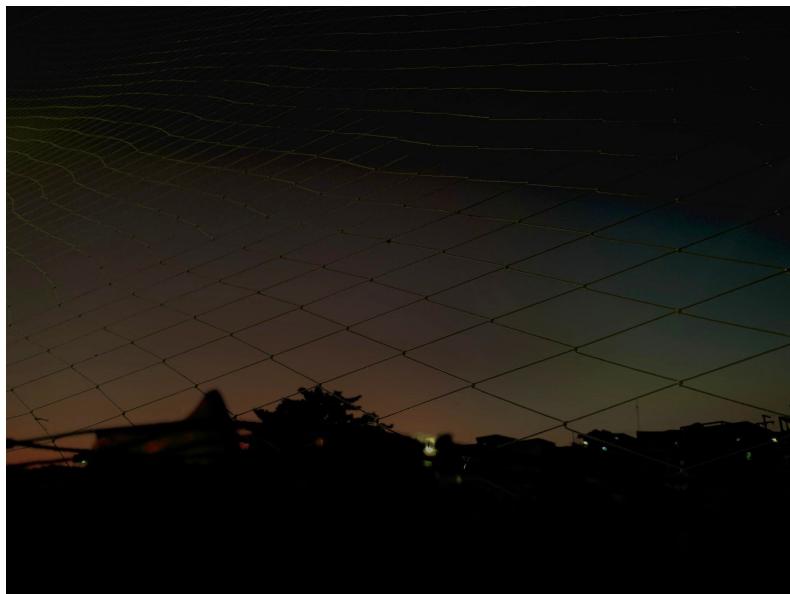
Fonte: arquivo pessoal.

Essa resistência, nas palavras de Deleuze, é uma força criadora que desterritorializa e reterritorializa continuamente, forjando novos modos de existência. A artistagem, então, não é apenas uma expressão estética, mas uma prática de vida que desafia as normas e abre novas possibilidades de ser, pensar e viver. No contexto amazônico, ela se revela como uma prática vital que resiste às tentativas de controle, preservando a multiplicidade e a diferença e, assim, afirmando a vida em sua potência máxima.

Artistagem é o que resiste à morte e à servidão que têm sido impostas, criando linhas de fuga que permitem à docência-criadora se libertar das prisões que a acometem no contexto amazônico (Figura 4). Ela é uma força que violentamente desafia e desconstrói as formas preexistentes de pensamento, abrindo-se para uma infinidade de possibilidades.

[...] Pensar que se assume poeta-tradutor pela atualização da própria série mental – ao ouvir ou pensar a palavra hipotenusa, poderíamos traçar no papel uma curva sensual, feminina; ou, no pensamento sem imagem, a Hipotenusa é deusa, é animal de sangue-frio, é a não-equação, é o não-p (Reis; Corazza, 2021, p. 7).

Figura 4 – Escapar do enclausuramento do pensamento



Fonte: arquivo pessoal.

A artistagem não se limita a representar uma realidade preexistente no contexto amazônico, mas se engaja em um processo de invenção de si e do mundo. O pensamento deve ser entendido como um movimento nômade para os/as professores/as, uma maneira de resistir à determinação de um lugar-estadia-domicílio. É uma prática desviada das normas rígidas e propõe uma criação contínua, fugindo da imobilidade e da homogeneização, permitindo uma constante reinvenção e um fluxo de novas possibilidades de conhecimento.

Artistagem é um rizoma: não se submete à lógica arbórea e não se revela apenas através de estruturas visíveis (Figura 5). Assim como o rizoma se desenvolve em hastes subterrâneas, distingue-se claramente das raízes e radículas tradicionais. Enquanto a árvore se estabelece em uma estrutura hierárquica e centralizada, o rizoma, como conceito de Deleuze e Guattari (1995), se espalha de maneira não linear e descentralizada. Ele se multiplica e se ramifica indeterminadamente, revelando conexões e relações inesperadas. A artistagem, portanto, opera como um rizoma, resistindo à uniformidade e ao controle, engendrando novas formas de expressão e compreensão que emergem continuamente a partir de sua própria rede de conexões e linhas de fuga.

[...] Ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos. Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 24).

Figura 5 – Ruptura da árvore



Fonte: arquivo pessoal.

A artistagem, enquanto prática filosófica, pode ser entendida como uma forma de fazer da filosofia uma aberração, desafiando todas as pretensões tradicionais do pensamento ao abraçar a capacidade de apreender a multiplicidade, mesmo que ela se revele monstruosa (Corazza, 2006, 2017). O objetivo não é buscar uma razão infalível, uma moral inquebrável ou uma vida ideal, mas sim dar conta da multiplicidade em sua essência. A primeira condição é admitir que a realidade no contexto amazônico é delirante, sem forma fixa, representação estável ou verdade última.

Se a realidade é composta por uma multiplicidade irredutível, a filosofia e a artistagem têm o papel de recuperar essa multiplicidade via planos e processos criativos. Isso implica revisitar recortes pensáveis de um pensamento delirante, que não se limita a narrativas lineares ou a concepções predefinidas.

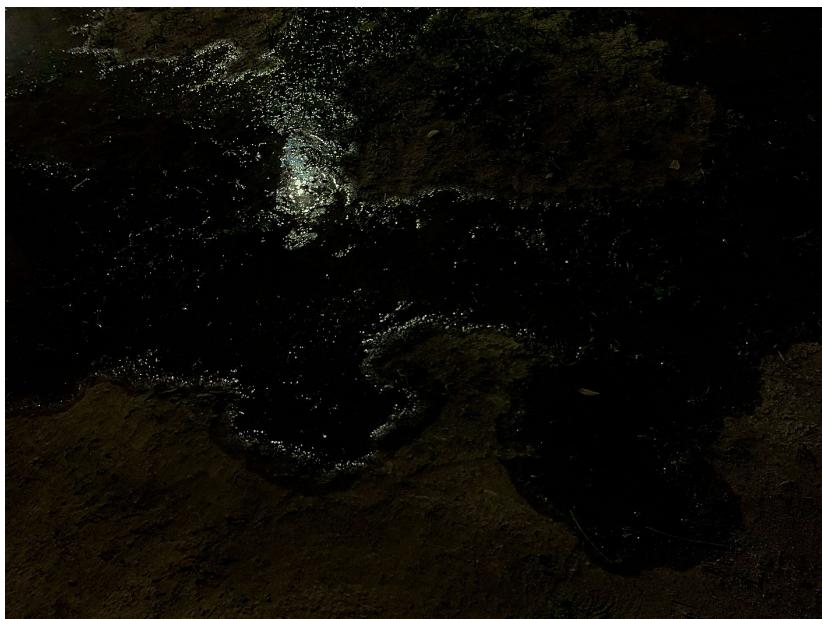
No contexto amazônico, esse pensamento se torna particularmente relevante. A Amazônia, com sua imensa diversidade cultural, ecológica e social, oferece

um terreno fértil para a composição da artistagem. A multiplicidade da região é uma força criativa que desafia os modelos normativos de educação e pensamento. A artistagem, nesse cenário, torna-se uma ferramenta de resistência e reinvenção, capaz de captar a complexidade e a riqueza do contexto amazônico.

A artistagem se situa na margem, na brecha dos rios, imergindo nas cidades do Amazonas sem se submeter a um caminho predefinido. Ela se estabelece na observação e na experimentação dos contornos de seu território, variando os encontros ao longo dos percursos tensionados (Figura 6). Uma nova terra, cercada pela floresta, pela educação e pelos (re)rios, é atravessada por zonas de intensidade, onde se escapa da acomodação e se mergulha na correnteza – todos se perguntam: Quem? E respondem, é a “Artistagem!”.

A potência de uma Docência dos espectros é ser feita com a disposição de pensar e criar a partir da diferença, trazer matérias e formas escolhidas para o ato educativo em uma posição que arrisca descarregar o peso da orientação ou direcionamento do ato pedagógico (Corazza; Heuser; Monteiro, 2020, p. 5).

Figura 6 – Artistagem em sua tensão



Fonte: Arquivo pessoal.

Evidentemente, artistagem não se limita às fronteiras estabelecidas, mas se desdobra nas linhas de fuga que desafiam as normas e as estruturas dominantes. Ela habita os interstícios e as fissuras do território, criando um espaço de resistência e transformação. Ao interagir com a terra, com a floresta e com os rios, a artistagem ressignifica o campo educacional e cultural, abrindo novas possibilidades para a criação e a inovação. Nesse processo, ela se articula com as forças que desestabilizam as ordens estabelecidas, permitindo que o fluxo do pensamento e da prática se liberte das amarras do macro, fazendo emergir formas de vida alternativas que se afirmam no interstício da repetição e da transformação.

A artistagem no contexto amazônico emerge como um ato de revolta e resistência, uma recusa afirmativa contra os fluxos institucionais e as políticas educacionais hegemônicas. A sala de aula para a artistagem se transforma numa trincheira, num espaço subterrâneo de resistência, comparável à toca dos ratos (Figura 7). É nesse espaço que a artistagem desenha suas linhas de fuga e traça suas estratégias, criando uma militância que não se limita ao presente, mas que busca um futuro que transcende e subverte as políticas educacionais preestabelecidas (Gallo, 2008). Nesse ambiente, a artistagem se engaja na experimentação com a captura e a criação de subjetividades, promovendo a diferença e a inovação como formas de resistência criativa.

Educar com a fúria e a alegria de um cão que cava seu buraco. Educar escavando o presente, militando na miséria do mundo, de dentro de nosso próprio deserto. Esse é um dos resultados possíveis de nosso encontro com a filosofia de Deleuze; essa é uma das possibilidades de um devir-Deleuze na educação (Gallo, 2002, p. 177).

Figura 7 – Em toca de Artistagem



Fonte: arquivo pessoal.

Neste contexto, a artistagem é um processo de singularização e militância (Corazza, 2006). A macropolítica, manifestada nas secretárias e nos documentos normativos, visa capturar, modelar e normatizar a artistagem. No entanto, essa tentativa de captura se depara com uma resistência que se desloca “rio adentro”. A artistagem reside no âmbito da micropolítica, na sala de aula, manifestando-se nas práticas diárias e nas ações cotidianas de cada professor/a.

A micropolítica da artistagem no contexto amazônico é uma proliferação de práticas que desafiam e reconfiguram os sistemas estabelecidos. A resistência à homogeneização e às imposições do Macro se traduz em práticas de criação e inovação que escapam das limitações dos dispositivos normativos (Gallo, 2008). Assim, a artistagem se configura não apenas como um ato de resistência, mas como uma criação contínua e dinâmica, que resiste à morte e à servidão impostas e cria linhas de fuga que possibilitam uma docência-criadora autônoma e revitalizadora no contexto amazônico.

Desse modo, artistagem adentra o barco, navegando rio adentro na vida e através da vida, em vibrações e variações que atravessam e ressoam nas existências dos/as professores/as no contexto amazônico, compondo obras-aulas que se desdobram como multiplicidades criadoras, sempre em devir.

5 (IN)CONCLUSÕES

Artistagem é o devir-modos de vida que se inspira em maneiras de pensar e escrever; os modos de pensar e escrever engendram modos de viver em composições de obras-aulas. A artistagem ativa o pensamento e a escrita; o pensamento e a escrita afirmam a artistagem nesse processo de experimentação no contexto amazônico.

Com seu pluralismo fluindo rio adentro, a artistagem se constitui como obra de arte. Composições de artistagem em currículos-menores carregam uma potência criadora, capaz de reverter ordens e representações, afirmando a Diferença em um estado de revolução permanente, no eterno retorno. A artistagem mostra a diferença diferindo, sendo ela própria uma diferença que emerge entre as diferenças no contexto amazônico.

A artistagem provoca e violenta o macro, manifestando-se no micro, nas conexões que atravessam, nas práticas diversas que se desdobram em eventos, rios, ventos. Criativa e criadora, a artistagem sempre foge da representação, resistindo contra uma macropolítica que tenta modelizar. Artistagem é errância política, é revolução permanente. Resistir em artistagem é se tornar disparador de invenções no aqui-agora, uma artistagem minoritária que oxigena a resistência. Ela é rizomática, espalha-se no contexto amazônico, compondo novas obras-aulas e afirmado a vida em sua imanência e por sua potência criadora.

Este fragmento se apresenta como convite para novas composições que possam artistar a prática docente. Artistagem navega pelos rios do Amazonas, despertando resistência nas salas de aula dos/as professores/as, criando novos modos de existência. A maioria desses modos permanece no nível de esboços ou rascunhos; eles não conseguem se diferenciar da base indistinta na qual se resubmergem. Artistagem é intensidade, carregando um afeto singular que caracteriza este agora, como nenhum outro jamais foi, nem será: um afeto de vitalidade que expressa a acontecimentalidade, a novidade deste presente que passa.

Em fragmentos de (in)conclusões, a artistagem se mostra como espaço de variação contínua, sempre nômade, sempre fugindo, onde as subjetividades e até mesmo os nomes dão lugar ao agenciamento das singularidades compreendidas nessas formas genéricas. Isso significa romper com práticas que habitualmente dominam o currículo maior: conteúdos determinados, competências, habilidades, tempos marcados, a disposição regrada dos corpos de professores/as e estudantes. Artistagem lança uma mensagem antes de seguir novamente ao rio: “*ARTISTEMOS! Afirmemos a diferença, porque a docência-vida é arte. É criação viva que não cabe nas margens estreitas da norma*”.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*: a poética do espaço. Tradução: Remberto Francisco Kuhnen, Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BARROS, Manoel de. Menino do Mato. In: BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANGI, Adrián; GONÇALVES, Michele Fernandes. Fazer Sentir. Testemunho de uma Transformação da Sensação. (Modos de Interrogar nossas Práticas Educativas e Pedagógicas). *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 21, p. e59644, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e59644>

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da. Currículos com arte em torno de uma educação contracultural. *Educação em Revista*, São Paulo, v. 39, n. 39, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469840555>

CHAR, Carla; PARAÍSO, Marlucy Alves. Passos para acionar e efetivar um currículo-dançante. *Série-Estudos*, Campo Grande, v. 26, n. 58, p. 33-54, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v26i58.1596>

CORAZZA, Sandra Mara; HEUSER, Ester Maria Dreher; MONTEIRO, Silas Borges. Apresentação: Docência, currículo, didática, aula: fantástico arquivo político da

diferença. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 3-11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.56555>

CORAZZA, Sandra Mara. A vontade de potência do professor-artistador: currículo e didática da tradução. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). *Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar*. Porto Alegre: Doisa, 2017. p. 134-148.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. *Didaticário de criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Diga-me com quem um currículo anda e te direi quem ele é. In: CORAZZA, Sandra Mara. *Fantasias de escrileitura: filosofia, educação e literatura*. Porto Alegre: Sulina, 2010a. p.143-171.

CORAZZA, Sandra Mara. Os sentidos do currículo. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 149-164, maio/ago. 2010b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24120>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. *O Que quer um currículo?* pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução: Luis Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 420p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2002.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

MUNHOZ, Angélica Vier. Currículo entre linhas dançantes. In: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; OHLWEILER, Mariane Inês (Org.). *Currículo, espaço, movimento: notas de pesquisa*. Lajeado: Ed. Univates, 2016. p. 41-48.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PAIXÃO, Fernando. Quando a poesia ouve a música. *Passages de Paris*, Paris, n. 25, p. 77-89, 2023. Disponível em: <https://www.apebfr.org/ojs/index.php/passadesdeparis/article/view/131/118>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículos: teorias e políticas*. São Paulo: Contexto, 2023.

PARAÍSO, Marlucy Alves. O currículo entre o que fizeram e o que queremos fazer de nós mesmos: efeitos das disputas entre conhecimentos e opiniões. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1414-1435, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i4p1414-1435>

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, p.587-604, maio/ago. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000200014>.

REIS, Marina dos; CORAZZA, Sandra Mara. O Pensamento da Filosofia da Diferença que sonha signos do Arquivo da Educação. *Educação UFSM*, Santa Maria, v. 46, jan./dez. 2021.

SANTOS, Igor Alexandre de Carvalho. O que pode um currículo rizomático? *Periferia*, Duque de Caxias, v. 11, n. 4, p. 105-133, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2019.42338>.

SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera. O cotidiano escolar como laboratório de existência: lugar de criação, experimentação e invenção. *Revista Espaço do Currículo*, João Pessoa, v. 9, n. 3, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v9i3.30105>

SOARES, Guilherme Araújo; TRINDADE, Luana Dias; DOLZANE, Maria Ione Feitosa. Reflexões sobre a educação brasileira: a implementação do Novo Ensino Médio e seus impactos na juventude amazonense. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 33, n. 1, p. e-rte331202441, 2024.

TRINDADE, Rafael. Deleuze: do caos ao cais. *Razão Inadequada*, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2017/12/27/deleuze-do-caos-ao-cais/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ZORDAN, Paula. *Gaia Educação*: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

Sobre os autores:

Guilherme Araújo Soares: Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Amazonas (PPGECIM/Ufam). Pesquisador integrante do grupo de pesquisa Conexões – Epistemologia, Tecnologia, Formação e Ensino no Contexto Amazônico (Ufam/CNPq). **E-mail:** guilhermearaujo.soares18@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3146-8303>

Maria Ione Feitosa Dolzane: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professora Adjunta da Ufam, atuando no Centro de Educação a Distância na área de Gestão de Projetos e Sistemas para a Educação a Distância. **E-mail:** ionedolzane@ufam.edu.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0428-5774>

Recebido em: 31/08/2024

Aprovado em: 25/07/2025

